



# **A AUTENTICIDADE NO PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE: um existencialismo de esperança para os tempos atuais**

## **THE AUTHENTICITY ACCORDING TO THE THOUGHT OF JEAN- PAUL SARTRE: an existentialism of hope for the present times**

Igor Sudério Abreu<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo científico propõe analisar o existencialismo do filósofo contemporâneo Jean-Paul Sartre e trazer para os tempos atuais, percebendo que no homem e apenas nele se encontra a chance de um futuro melhor. Serão tratados temas pertinentes da filosofia sartriana, como o homem sendo livre e único sujeito de suas ações, as atitudes relacionadas à má-fé, o encontro com a angústia. Viver autenticamente o Para-si e estar ciente do ser-para-o-outro é não sofrer a angústia da liberdade, porém gozar do prazer de fazer a escolha certa. O existencialismo trabalhado no artigo coloca a esperança no próprio homem, sendo que muitas pessoas se encontram perdidas em meio à própria existência. Logo, é preciso reconhecer a autenticidade como positiva no homem e constantemente vivê-la como meio de ação, pois o homem se faz a partir de seus atos.

**Palavras-chave:** Autenticidade. Má-fé. Liberdade. Construção. Esperança.

**Abstract:** The present scientific article purposes itself to analyze the existentialism of the contemporary philosopher Jean-Paul Sartre and bring it to nowadays, perceiving that in man and only on him there is the chance of a better future. The pertinent themes of Sartre's philosophy will be treated, like man being free and only subject of his actions, the attitudes connected to faithless, the meeting with narrowness. To live authentically the "for-himself" and to be conscientious of "being-for-the-other" is not suffering the narrowness of freedom, but enjoy the pleasure of doing the right choice. Existentialism approached in this article put hope in the own man, so that many people are lost in the middle of their own existence. Therefore, it is necessary to recognize the authenticity as positive in man and live it constantly as a way of action, because man build himself over his acts.

**Keywords:** Authenticity. Faithless. Freedom. Construction. Hope.

---

<sup>1</sup> Aluno do V período do curso eclesialístico de bacharelado em Filosofia no Instituto Filosófico São José, vinculado ao Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores da Diocese da Campanha – MG.  
E-mail: igorsuderio@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente texto é abordar, principalmente, a responsabilidade do homem sobre as suas atitudes, sendo estas autênticas e mostrar que nele se encontra a esperança para uma humanidade melhor.

A base de todo o artigo está no autor existencialista contemporâneo Jean-Paul-Sartre<sup>2</sup> e a obra destacada em todo artigo é *O existencialismo é um humanismo*<sup>3</sup>, porém não se esquecendo da sua obra principal: *O ser e o nada*, dentre outras que serão destacadas. Busca-se também obter informações para maior enriquecimento de artigos, teses e dissertações.

Os temas tratados buscarão conceitos básicos na filosofia de Sartre, como a definição de homem, a liberdade, a angústia, a má-fé, a constante construção do homem finalmente chegar ao tema principal do artigo: o existencialismo de esperança para os tempos atuais, visto que no homem se encontra o futuro da humanidade.

A busca por um ser autêntico nas suas escolhas é uma constante preocupação do existencialismo. E como fazer com que o homem seja o que veio para ser: condenado à liberdade? É uma pergunta chave, a qual o artigo buscará refletir.

Diante disso é necessário entender que a autenticidade de escolha se dá numa perspectiva antropológica e ética, pois a partir do momento em que o homem escolhe não é somente para si, mas para toda humanidade. Ser autêntico não é ser egoísta, pensar somente em si, porém é assumir a sua subjetividade visando também o outro que está a sua volta. Escolher é uma ação constante imbuída de responsabilidade.

Por mais que muitas vezes o homem se depara com a angústia, o desespero e o desamparo no momento da escolha, sendo estes sentimentos bons na visão existencialista, é

---

<sup>2</sup> Nascido em Paris, Sartre tinha apenas quinze meses quando seu pai morreu. Criado pela mãe e pelo avô, mostrou-se um aluno brilhante e ingressou na prestigiosa *École Normale Supérieure*. Lá conheceu sua companheira de toda a vida e colega filosófica Simone de Beauvoir. Depois da graduação, trabalhou como professor e foi nomeado para a cadeira de filosofia na Universidade de Le Havre em 1931. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sartre, convocado pelo exército, caiu prisioneiro por um breve período. Ao ganhar a liberdade, em 1941, uniu-se ao movimento de resistência. Depois de 1945, os textos de Sartre tornaram cada vez mais políticos e ele fundou a revista político-literária *Les temps modernes*. Ganhou – e recusou – o Prêmio Nobel de Literatura em 1964. Sua influência e popularidade era tamanha que mais de 50 mil pessoas foram ao seu funeral (O LIVRO da Filosofia, 2016, p. 269).

<sup>3</sup> “*O existencialismo é um humanismo* é o texto estenografado, pouquíssimo retocado por Sartre, de uma conferência que ele proferiu em Paris, na segunda-feira dia 29 de outubro de 1945. [...] O existencialismo é um humanismo é, portanto, um texto circunstancial, mas que por pouco que já se tenha abordado a obra de Sartre sob seu aspecto literário ou filosófico, permite perceber o primeiríssimo momento, ainda vago, intimamente conflitivo, de uma virada em sua vida intelectual. Um novo ciclo de investigação filosófica irá começar. As objeções à sua obra, que ele procura inventariar nessa conferência, por confusas e hostis que sejam, provocarão nele novas questões que serão tratadas mais tarde em *Crítica da razão dialética*, após um livre amadurecimento, testemunhado, entre outras coisas, por seus escritos póstumos”. (ELKAIM-SARTRE, 2014, p. 9-14).

preciso agir com responsabilidade, não é possível ficar inerte, pois com a fuga da escolha responsável o homem pode agir com má-fé, ou seja, rejeitar o reconhecimento da sua liberdade.

O existencialismo de esperança busca, a partir da realidade, propor uma mudança na pessoa do homem, esta que muitas vezes é colocada como utópica. Contudo, o homem ao assumir a sua missão no mundo. Ao assumir sua liberdade, sua identidade de ser homem, ser humano, ele traçará novos paradigmas de vida, tendo em vista sua preocupação individual, social, política e existencial.

## 2 O HOMEM NO PENSAMENTO DE SARTRE

A máxima do existencialismo é que “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 18) e Sartre aprofundou seu pensamento a partir dessa máxima. É saber que o homem nasce sem predestinação alguma e a partir do momento em que se encontra no mundo, ele é o único sujeito de suas ações, tudo o que ele usa como forma de desculpa ou justificativa para suas escolhas, seja ligada à religiosidade ou à questão do contexto histórico vivido, ele está agindo de má-fé.

[...] o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida [...]. O homem não é apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. (SARTRE, 2014, p. 19).

Certamente, há, sim, influências na personalidade de cada ser, sejam elas culturais, sociais ou históricas, advindas do círculo de convivência. Todavia é importante destacar que mesmo estando no mundo e sendo influenciado por ele, o homem tem consigo a capacidade de decidir a situação que deseja e em todo o momento, tem uma vasta possibilidade de alternar esta situação. O para-si que vive em constante transformação, sempre tendo a possibilidade de se construir.

O homem, ao escolher, não escolhe somente para si, mas sim para a humanidade: “quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas é responsável por todos os homens” (SARTRE, 2014, p. 20). Ao perceber que ele não é responsável somente por si e sim por

todos os homens, gera-se uma grande angústia, pois a reponsabilidade pelos seus atos e suas escolhas é muito maior do que ele pensa.

O existencialismo costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 2014, p. 21).

Essa angústia não pode ser vista como algo negativo ou ruim, pois ela é um reconhecimento pleno do conceito de liberdade para Sartre. Ao ser tomado por essa angústia, o homem reconhece sua liberdade que está ligada com a responsabilidade que o sujeito tem com suas ações, pois como já dito ele escolhe não só por si, mas por toda a humanidade.

Para Sartre, o ser verdadeiramente apaixonado pela liberdade autêntica é aquele que, antes de pensar na sua liberdade, pensa na dos outros, respeita a dos outros, defende a dos outros, portanto, aquele que fala primeiro e somente por sua liberdade, não é livre. É, mais do que qualquer outro, escravo do egoísmo e de si mesmo. (BARANOWSKIE, 2012, p. 20).

O homem é um ser “em situação”, localizado num espaço geográfico, cultura, nação e, a partir disso, ele faz suas escolhas, porque para isso é necessário estar no mundo. Não há possibilidade de ser, de fazer ou de agir sem primeiramente estar. Sartre ajuda a entender isso com sua definição na obra *Reflexões sobre a questão judaica*:

O Homem se define antes de tudo como um ser “em situação”. Isto significa que constitui um todo sintético com a sua situação biológica, econômica, política, cultural, etc. não é possível distingui-lo desta situação, pois ela o forma e decide suas possibilidades, mas, inversamente é ele que lhe atribui o sentido, escolhendo-se em e por ela. Estar em situação, segundo nós, significa escolher-se em situação e os homens diferem entre si como diferem suas respectivas situações e também conforme a escolha que efetuam de sua própria pessoa. (SARTRE, 1963, p. 35).

Portanto, mesmo encontrando em uma situação determinada, ou melhor, com características próprias, o homem ainda é capaz de escolher a que quer viver, só depende dele mesmo. Há inúmeras possibilidades de mudança na situação em que o homem se encontra e a única pessoa que pode mudá-las ou dar sentido a elas é o próprio homem, por isso um exercício constante de reflexão sobre o porquê da existência do homem no mundo pode levá-

lo a dar um sentido positivo para sua existência sabendo que ao fazer isso ele responde por todos os homens.

## 2.1 O ser-em-si, o ser-para-si e o ser-com-o-outro

Sartre define o ser-Em-si em basicamente três características: “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (SARTRE, 1997, p. 40). Se este é o que é, se esgota apenas em sê-lo e não pode não ser, e, muito menos se relacionar com o outro. Portanto, conclui-se o ser-Em-si, basicamente:

Imanência que não pode se realizar, afirmação que não pode se afirmar, atividade que não pode agir, por estar pleno de si mesmo. É como se, para libertar a afirmação de si no seio do ser, fosse necessário uma descompressão do ser. Não devemos entender tampouco, por outro lado, que o ser seja uma afirmação de si indiferenciada: a indiferença do Em-si acha-se além de uma infinidade de afirmações de si, na medida que há uma infinidade de maneiras de afirmar-se. Resumiremos dizendo que o ser é em si. (SARTRE, 1997, p. 38).

O ser-Para-si denomina-se o próprio homem. “O para-si encontra-se de repente em um mundo invadido por coisas que são possíveis para ele: pode optar por isso ou por aquilo, e ainda deve optar por continuar e ser” (GARCÍA, 2017, p. 65). Pode-se dizer que a partir do para-si, o homem já se coloca em posição de escolha, sendo dono do seu destino. Ao entender o para-si, o homem remete a questão da facticidade, sendo esta a percepção de todos os pormenores factuais dos quais o homem não tem nenhum controle. Portanto, agora, inserido neste contexto o ser-Para-si enfrenta as decisões de sua vida. Ele também é denominado consciência, pois está no em Em-si, porém não é o Em-si que está completo, mas sim a possibilidade de ser, de mudar, de agir e de fazer.

Ao tomar consciência do Para-si o homem percebe que não existe somente a sua realidade, a sua subjetividade, mas inserido no mundo ele se depara com várias subjetividades, consciências e pensamentos diferentes. O Ser-com-o-outro para Sartre está intimamente ligado ao autoconhecimento, muito mais que olhar para o outro, o homem toma consciência de que está sendo observado: “O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento” (SARTRE, 2014, p. 34). Daí surge a célebre frase, muitas vezes, mal interpretada “o inferno são os outros”, pois a partir do

momento que eu estou exposto ao outro, eu me reconheço, enxergando tudo o que o outro me conferiu: “Reconheço que sou como o outro me vê” (SARTRE, 1997, p. 290).

## 2.2 A escolha e a liberdade

O homem a todo o momento está dependente das escolhas, sejam elas positivas ou negativas e a partir das suas escolhas ele vai construindo a sua vida. “A escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher. Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho, isto também é uma escolha” (SARTRE, 2014, p. 36-37). Logo, é preciso ter em mente uma visão capaz de modificar o dia a dia para um futuro melhor a partir da liberdade autêntica.

Consequentemente, ao ter reconhecido, no plano da autenticidade total, que o homem é um ser no qual a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre que não pode, em circunstâncias diversas, desejar outra coisa que a liberdade, reconheci, ao mesmo tempo, que não posso senão desejar a liberdade dos outros. Assim, em nome desta vontade de liberdade, implicada pela liberdade enquanto tal, eu posso formar e emitir julgamentos sobre aqueles que procuram ocultar tal gratuidade de sua existência e sua total liberdade. Aqueles que encobrem, à guisa de seriedade ou com escusas deterministas, sua total liberdade, eu os chamarei de covardes; e aos que tentarem mostrar que sua existência era necessária, sendo que ela é a própria contingência da aparição do ser humano sobre a terra, a esses os chamei de asquerosos. (SARTRE, 2014, p. 40).

A liberdade é ontológica no homem, e este está condenado a ela<sup>4</sup>. Quaisquer escolhas ou ações são a expressão da liberdade do homem, tendo ele a capacidade de olhar e julgar se são positivas ou negativas, lembrando que suas escolhas não são somente para si, mas para toda a humanidade. Daí vem a responsabilidade ligada à liberdade.

[...] o homem é condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (SARTRE, 2014, p. 24).

Na filosofia existencialista o homem é definido por suas ações. É um movimento linear e assim ele vai se construindo a cada dia, sendo possível mudar os rumos. O passado não é possível ele modificar, porém poderá transformar o futuro a partir daquilo que é escolhido. Cabe ao homem dar um sentido a sua vida, ele não é considerado fim, contudo

---

<sup>4</sup> Cf. SARTRE, 2014, p. 24

pode tomar novos rumos. “Antes de começar a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e o valor da vida não é outra coisa senão o sentido que escolhemos” (SARTRE, 2014, p. 42).

Uma rápida e pouco aprofundada interpretação do existencialismo pode levá-lo a uma descrição pessimista, porém muito pelo contrário é uma tendência otimista, não só por colocar o destino nas mãos do próprio homem, mas também por considerar como um impulso para o agir do homem, visto que em muitos lugares a esperança se vê perdida e cabe ao próprio homem resgatá-la.<sup>5</sup>

Esta escolha com liberdade está intimamente ligada à consciência, pois nenhuma escolha pode ser feita inconscientemente: “É preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e mesma coisa” (SARTRE, 1997, p. 569).

O homem não pode estar preso a nenhum tipo de determinismo que tende a reger sua vida e o incentive a ter repulsão pelas suas escolhas. É possível perceber que um tipo de determinismo que influencia diretamente nas escolhas dos homens é a moral cristã, uma vez que o homem acredita que suas escolhas devem estar pautadas em alguns mandamentos, estes quando não cumpridos podem dar-lhe um castigo, ou seja, o inferno após a morte. Indubitavelmente, o existencialismo sartriano não tem nenhuma pretensão de desmerecer a existência de um Deus, porém busca um agir autêntico de escolha do homem, desvinculado a qualquer justificativa, desculpa ou determinismo.

Mesmo que Deus exista, isso não mudaria nada [...]. Não quer dizer que creiamos que Deus existe, mas que achamos que o problema não é sua existência ou não. O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina da ação, e apenas por má-fé é que, confundindo seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem nos chamar de desesperançados. (SARTRE, 2014, p. 44).

A filosofia sartriana não tem em mente ordenar o homem à libertinagem, mas ao contrário tem a intenção de que o homem possa reconhecer sua liberdade e ter em mente que as suas escolhas não dizem somente a si, e sim a toda humanidade, gerando, então, certa responsabilidade naquilo que decide. Na mesma medida em que o homem é condenado a ser

---

<sup>5</sup> Cf. SARTRE, 2014, p. 33.

livre, ele também assume o compromisso de responsabilidade com suas escolhas consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

A autonomia autêntica da liberdade não é um fim em si mesmo, tampouco designa uma qualidade do próprio ser apreendida pela consciência. “A autenticidade indica uma atitude reflexiva face às próprias ações e uma atitude compreensiva diante das ações dos outros, colocando-nos em contanto com o cerce da conversão moral”: a revelação do processo que conduz a consciência da inautenticidade à autenticidade e que, ao mesmo tempo, leva à transformação das estruturas da ação, em nível tanto subjetivo como intersubjetivo. Sartre recusa todos e quaisquer determinismos presentes na moral do dever e seus valores universais, bem como uma moral axiológica e sua hierarquia dos valores, em nome de uma moral ontológica da liberdade concreta, da autonomia autêntica e da escolha. (ALMEIDA, 2016, p. 59).

Outro tema de grande consistência, diz a respeito à angústia no reconhecimento da liberdade de escolha para si e para a humanidade, pois o encontro com ela pode levar o homem à fuga. O homem não deseja sentir angústia. A indecisão do homem ou a inautenticidade de escolha o levará a agir de má-fé.

### 2.3 O encontro com a angústia

A liberdade coloca no homem a responsabilidade em suas escolhas, em suas ações, não somente para si, mas para toda a humanidade. Ele se encontra com a angústia, porque tudo o que ele fez, seja de bom ou de ruim, é pura e simplesmente por livre e espontânea vontade. Todas as justificativas ou desculpas o colocam como agente de má-fé.

[...] é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se preferem a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. (SARTRE, 1997, p. 72).

O sentimento de angústia não é algo ruim, pelo contrário, quando este chega ao homem é o reconhecimento de sua total liberdade: “é a captação reflexiva de liberdade por elas mesma” (SARTRE, 1997, p. 84). Muito mais que o medo em momentos decisivos, o homem se sente angustiado pelo que pode vir a acontecer a partir de suas escolhas. Um exemplo que pode ajudar a perceber o sentimento da angústia é quando uma vítima com a consciência de que em poucos minutos vai ser torturada e possivelmente morta, ela não sente

dor, porque ainda não está sendo torturada, contudo um sentimento amedrontador espalha pelo seu corpo, uma tensão inexplicável e um desespero porque não sabe se vai ou não aguentar a tal barbárie<sup>6</sup>.

A angústia, cotidianamente, é sentida pelos homens diante das oportunidades que estão aumentando cada vez mais e é difícil escolher, porque a escolha errada pode acarretar consequências. “Na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim” (SARTRE, 1997, p. 84).

Nesta vivência de angústia não cabe ao homem ficar sem atitudes, remoendo constantemente a sua existência no mundo, no entanto é necessário agir, sempre com a responsabilidade, pois não é possível escapar dela diante da escolha.

[...] eles vislumbrem diversas possibilidades e, quando optam por uma delas, percebem que ela só tem valor por ter sido escolhida. E essa espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que ela se explica, além disso, por **uma responsabilidade direta em relação aos outros homens envolvidos pela escolha**. Ela não é uma cortina a nos separar da ação, mas antes faz parte da ação em si. (SARTRE, 2014, p. 23, grifo nosso).

O que pode acontecer diante desse reconhecimento da liberdade a partir da angústia é a fuga, que gera então a má-fé. Não é possível negar a angústia, pois o homem sendo liberdade é também angústia, mesmo tentando mascará-la ou agindo de má-fé.

Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia. Assim esta não pode ser, propriamente falando, nem mascarada nem evitada. Fugir da angústia e ser angústia, todavia, não podem ser exatamente a mesma coisa: se eu sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de “não sê-la”, posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. Este poder nadifica<sup>7</sup> a angústia enquanto fujo dela e nadifica a si enquanto *sou angústia para dela fugir*. É o que se chama de *má-fé*. (SARTRE, 1997, p. 89).

Outros sentimentos citados por Sartre frente à descoberta da liberdade, além da angústia são o desamparo e o desespero. O desamparo acontece a partir do momento que o homem não vê a existência de um Deus e a partir disso assume todas as consequências de sua

<sup>6</sup> Cf. MENDES, 2018, p. 28

<sup>7</sup> “A nadificação é esse perpétuo desgarramento da consciência das coisas e de si que a faz posicionar o ser como existente e negá-lo. Ela permite ao homem realizar um recuo nadificador colocando no mundo a possibilidade do não-ser. O não-ser encontrado é o fundamento da negação. O nada encontrado é o que sustenta a negação, e mais que isso, o não-ser e a negação são condições necessárias para que surja a realidade humana. Para clarificar este arcabouço teórico, e concluir este trabalho, podemos exemplificar como a nadificação da consciência faz surgir o nada em meio ao ser de forma concreta.” (NASCIMENTO, 2012, p. 521).

existência. Então encontra a necessidade de levar em consideração os valores existentes *a priori*: “é necessário que seja obrigatório *a priori* ser honesto, não mentir, não bater na mulher, criar filhos etc.” (SARTRE, 2014, p. 23). O desespero vem acompanhado da angústia, pois diante da escolha, há uma série de possíveis probabilidades: “eu estou entregue ao domínio das possibilidades; mas não se trata de contar com as possibilidades senão na estrita medida em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis” (SARTRE, 2014, p. 29).

Logo, é possível salientar que no existencialismo sartriano o reconhecimento da autenticidade leva a uma conduta ética do homem, pois antes mesmo de escolher, o homem reconhece que escolhe também pela humanidade, pelo próximo, lembrando os valores éticos e morais que o levam a viver bem na sociedade.

## 2.4 O conceito de má-fé

A má-fé, muitas vezes, é ligada ao mentiroso, porém é possível perceber que há uma diferença, pois o mentiroso engana somente o outro, mas aquele que age de má-fé além de enganar o outro engana a si mesmo.

O homem ao agir de má-fé utiliza dos determinismos expostos na sociedade contemporânea, rejeitando o reconhecimento de sua liberdade. Por mais que o homem, olhando para si reconheça sua autenticidade de escolha, não é capaz de assumi-la, porque não deseja arcar com as reponsabilidades de sua escolha.

As justificações e desculpas do homem são caracterizadas pela má-fé. A indecisão devido à liquidez da modernidade pode ser caracterizada pela má-fé, e não só a indecisão como também a própria escolha, que influenciada pelos determinismos culturais, sociais e religiosos são ditas como verdades.

Ao definirmos a situação humana como sendo de uma escolha livre, sem excusas e sem auxílio, todo homem se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo é um homem de má-fé. (SARTRE, 2014, p. 39).

Além de o cristianismo ser muitas vezes uma justificava de escolhas, há também questões histórico-culturais que são usadas para justificar certas escolhas, como por exemplo: uma mulher nasce na zona rural, sua família sempre trabalhou na zona rural, conseqüentemente ela também vai trabalhar na zona rural e usa a história da família para justificar sua decisão. Porém, Sartre descreve que há possibilidade de mudança e esta só se

encontra na determinação e no querer do homem. Todas as justificativas para não mudar, caracterizam que o homem está agindo de má-fé.

Enfrenta-se grande dificuldade da autenticidade no contexto atual, dado que muitas possibilidades de escolha, na maioria das vezes determinadas, cercam os homens e mulheres. Estes, por sua vez, mentem a si mesmos quando colocam desculpas nas suas escolhas e levam em consideração que não são capazes de tomar decisões sozinhos, deixando se guiar pelas influências. Fugindo de sua responsabilidade ao assumir a liberdade, o homem de má-fé vive com sua tranquilidade mascarada.

[...] a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura de mentira. Só que – e isso muda tudo – na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado. (SARTRE, 1997, p. 94).

A má-fé tem por objetivo “fazer com que eu seja o que sou, à maneira do ‘não ser o que se é’, ou não ser o que sou, à maneira do ‘ser o que se é’” (SARTRE, 1997, p. 113).

Conclui-se que, para viver a autenticidade é preciso que o homem se construa a cada dia, buscando o que é melhor para a humanidade. A construção implica ação, não é possível ficar estagnado e aquele que decide viver livre, não agindo de má-fé assume as responsabilidades do para-si diante das escolhas.

## 2.5 O homem em constante construção

O homem, desde que se faz presente no mundo, encontra-se em constante construção, pois o mundo temporal exige que o homem se reinvente em cada segundo:

É transparente o que a temporalidade nos apresenta: inventarmo-nos a cada instante. É a aposta à qual conduz o orgulho do ser livre, de termos de nos identificar de novo continuamente para sabermos que não somos matéria morta e descartável. A diretriz ontológico-moral é essencial: ser como existente significa reinventar-se a cada momento na maré da temporalidade. (GARCÍA, 2017, p. 66).

Para todo homem que tem algum conhecimento e faz a sua escolha é preciso um exercício constante da razão, a fim de que ele escolha para o bem do mesmo. É necessário buscar o bem da humanidade e não agir de má-fé.

[...] somente o homem possui a surpreendente faculdade de refletir sobre si mesmo, de ter ideias, de julgar, de raciocinar. O homem não só conhece as coisas e reflete sobre elas, mas chega a refletir sobre si mesmo, a ser autoconsciente. Refletindo sobre si mesmo, o homem não se sente objeto, mas sujeito, eu, pessoa; o homem se descobre como um ser em marcha, diante de um horizonte nunca alcançado e sempre estimulante. (RAMPAZZO, 2014, p. 35-37).

A dificuldade de uma escolha na contemporaneidade pode encontrar-se na durabilidade dessa escolha e a cada dia que passa as possibilidades de escolhas do homem são maiores. O homem se perde ou prefere ficar estagnado, alienado, deixando que as decisões sejam tomadas não por ele, mas por outros.

Vive-se atualmente uma modernidade líquida, onde os conceitos sólidos vividos no passado se tornaram fluídos, pois a era da globalização e dos avanços tecnológicos levaram a uma perda da coletividade e da solidariedade pelo individualismo. O tempo das informações em excesso podem prejudicar o constante processo da busca pela autenticidade.

As modas vêm e vão com velocidade estonteante, todos os objetos de desejo se tornam obsoletos, repugnantes e de mau gosto antes que tenhamos tempo de aproveitá-los. Estilos de vida que são ‘chiques’ hoje serão amanhã serão alvo do ridículo. (BAUMAN, 2001, p. 203).

Em vista da fluidez dos tempos, elencada por Zygmunt Bauman<sup>8</sup>, o homem se vê perdido, agindo na maioria das vezes de má-fé: “a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir” (Agar *apud* BAUMAN, 2001, p. 28). Então, comprova-se mais uma vez a necessidade da busca ou do reconhecimento da autenticidade e da liberdade.

As chances de cair nos determinismos aumentam. Hodiernamente, percebem-se jovens que dizem ser livres, usando roupas da moda, cabelos, gírias, certos estilos que mal sabem que são consequências do capitalismo exacerbado, que de tal forma “determina” o estilo de cada época.

Enfim, é preciso fazer do homem, que está em constante construção, um ser livre diante de suas escolhas, um ser que é capaz de mudar os rumos da história, entendendo que o

---

<sup>8</sup> Nascido em 1925, Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês vindo de uma família judia não praticante que foi forçada a se mudar para a União Soviética em 1939, após a invasão nazista. Depois de servir na divisão polonesa do Exército Vermelho, mudou-se para Israel. Em 1971, estabeleceu-se na Inglaterra, onde hoje é professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds (O LIVRO da Sociologia, 2016, p. 139). Bauman. Faleceu aos 91 anos no dia 9 de janeiro de 2017.

futuro está em suas mãos, assim há a necessidade de assumir a autenticidade a partir deste processo de ação. Ele só se constrói a partir de suas escolhas. Ele é aquilo que escolhe ser.

## 2.6 Um existencialismo de esperança

Tendo a consciência de que o homem é liberdade, o existencialismo sartriano oferece ao homem condições de mudança para um futuro melhor. Reconhecendo sua capacidade de mudar os rumos o homem não consegue ficar estagnado, pelo contrário, é imbuído de uma capacidade de agir e aquele que foge, conseqüentemente age de má-fé, não assumindo sua liberdade e sua responsabilidade.

O primeiro esforço do existencialismo é o de por todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando Sartre diz que o homem é responsável por si próprio, na verdade ele não quer dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (BARANOWSKIE, 2012, p. 45).

A corrente de pensamento existencialista surge com mais veemência no século XX após a 2ª Guerra Mundial. O homem vivenciava inúmeros problemas e se encontrava em situações caóticas em relação a sua existência, porém ele poderia ordenar-se a partir de suas escolhas. Esta corrente de pensamento também vem contrária às questões do positivismo de progresso, pois acreditava que todas as coisas poderiam ser apreendidas a partir da experiência. O existencialismo surge não somente como uma corrente de pensamento, mas também como uma atitude de ação diante da vida.

Hoje em dia, parece que se perdeu a esperança diante dos inúmeros acontecimentos que o próprio homem tem causado. Não há uma vontade latente no rosto dos homens e mulheres da sociedade. Infelizmente, o determinismo tem tomado conta e cada vez mais tem ocasionado à estagnação do homem.

É preciso que o homem tenha a consciência da sua existência e que esta lhe ofereça chances de mudança, de ação para a busca de soluções, de melhora. Aquele que reconhece sua liberdade não consegue ficar estagnado frente a situações injustas. O existencialismo não vem mostrar que a existência do homem é ruim e angustiante, contudo no existencialismo encontra-se a chance para a mudança, pois ela só depende do homem. O existencialismo é totalmente otimista, como propõe Sartre.

O que leva o homem viver alienado, ser levado por falsas verdades que o deixam sem reação? Mesmo vendo a triste realidade da pobreza, da fome, da corrupção, da opressão, da injustiça, o homem ainda não consegue reagir de uma forma capaz de traçar novos rumos. Se o mundo chegou onde está, foi unicamente devido as escolhas do próprio homem.

A intenção não é apenas olhar para os pontos negativos que o homem gerou, mas também perceber as coisas boas que o homem foi capaz de inventar. Quantas e quantas inovações foram capazes de salvar vidas: as tecnologias, os remédios. Os avanços para o bem do próprio homem são nítidos.

Agora resta ao homem rever suas escolhas e iniciar a mudança em novos tempos. O homem, no existencialismo, não é tomado como fim, pois está sempre por fazer-se<sup>9</sup>. A construção de um novo sentido para a vida está na escolha de cada homem. “Na realidade, as coisas serão exatamente como o homem decidir que elas sejam” (SARTRE, 2014, p. 30).

A massificação de um projeto ideal de homem é combatida de forma severa pelo existencialismo. É preciso mostrar que o ideal do homem é ação e não ação para o mal da humanidade, mas sim para o bem de si e do outro. As injustiças estão a todo o momento sendo mostradas pelas redes de comunicação e qual é a reação diante disso? É preciso despertar o ser autônomo do homem e, por conseguinte, o espírito crítico que aspira à mudança.

Para Sartre já é hora de provocar a emersão do ser humano autônomo. É hora de suscitar a consciência crítica, que não se deixa enganar. É hora de fermentar a reflexão emancipatória que se mantém insubmissa. É hora de amadurecer um projeto original que levante gerações de seres humanos independentes e responsáveis. É hora de encorajar o ser humano a concretizar seu projeto de vida comprometido com a justiça, com a solidariedade, com a igualdade social e com a dignidade humana. E comprometido com a erradicação da injustiça, da miséria e da exclusão humana. (BARANOWSKIE, 2012, p. 79).

Mesmo o homem sendo um ser dialético, pois ele está inserido na sociedade e em constante convivência com outros homens, outros pensamentos, outros seres livres, é possível reconhecer a liberdade. A partir de um combate entre a autenticidade e a inautenticidade devido às inúmeras escolhas e opiniões da sociedade, cada um traz sua subjetividade, sua escolha, sua liberdade. Por mais que, a cada dia, tenha sido difícil encontrar a autenticidade, não é impossível, pois como já dito, o homem é liberdade.

---

<sup>9</sup> Cf. SARTRE, 2014, p. 43.

Para viver esta esperança o homem precisa de um engajamento social, político ou comunitário, pois antes de fazer, ele precisa estar. Muitas vezes o homem tem apenas a capacidade de julgar a apontar os erros, mas o que eu estou fazendo para mudar? É necessário esse despertar autêntico dentro de cada um, vivenciando e agindo em prol da humanidade.

### 3 CONCLUSÃO

Tendo em vista todo conteúdo apresentado, a partir do pensamento de Sartre, conclui-se que o homem existe a partir daquilo que escolhe e para tanto é livre. A liberdade, sendo um bem precioso que o homem traz ontologicamente, requer responsabilidade, pois aquele que assume ser livre diante das escolhas decide o que é melhor para toda a humanidade. Mesmo nascendo em uma condição histórica, social, cultural, econômica e religiosa é possível mudar, é livre para tanto. Basta agir, pois o existencialismo é intimamente ligado à ação do homem.

Conhecer a autenticidade é aspiração humana. O ser humano tem sede de autenticidade. Vai buscá-la nas encostas do mundo e nos recôncavos de seu ser. Descobrir a autenticidade para Sartre é conquistar alvissareira liberdade. Compensa atravessar vigílias e trilhas, veredas e pântanos para alcançar a autenticidade. Enquanto existir autênticos dispostos a viverem a autenticidade, o projeto humano viverá. Por outro lado, sem a autenticidade, ou estando a autenticidade encoberta pela má-fé, o ser humano viverá sem ética. A autenticidade clareia a vida. Sem a autenticidade, a existência é sombra. A autenticidade gera verdade. Onde falta a verdade, instala-se lacuna existencial. A invasão da falsidade nega a verdade e expulsa a autenticidade. Quem não possui autenticidade, segundo Sartre, está corroído por dentro. Impregnar-se de autenticidade é humanizar-se. (BARANOWSKIE, 2012, p. 81).

A liberdade defendida por Jean-Paul Sartre não pode ser comparada em nenhum momento à libertinagem, ou a má conduta de ações, todavia a verdadeira liberdade exige responsabilidade consigo e com a humanidade. Consequentemente, é gerada certa angústia no homem, pois este não decide só por si, mas por toda humanidade. O sentimento de angústia vem frente à tensão de se imaginar o que pode acontecer diante da escolha, porque a escolha gera consequências, sejam boas ou ruins. O homem é angústia, o homem é liberdade. Ao se deparar com esse sentimento, pode-se ter em mente que o homem encontrou sua liberdade, logo esse sentimento não é visto como negativo, mas sim positivo.

Aquele que foge desse sentimento age de má-fé. Este de forma alguma quer sentir a responsabilidade da escolha e agindo de má-fé, além de enganar o outro se mascarando através de determinismos, engana a si mesmo. O homem sabe que é livre e ao agir de má-fé

não quer assumir o que é constitutivo para ele. Para aquele que não quer reconhecer sua liberdade e usa de desculpas, justificativas ou determinismos para suas escolhas age de má-fé e pensa que está enganando os outros, porém ele engana a si mesmo. A massificação dos homens na sociedade contemporânea tem levado muitos a agir de má-fé e de algum modo esmorecendo a autenticidade de cada um.

O homem ao fazer suas escolhas se põe em constante construção, não é nada mais que seus atos: “O homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida” (SARTRE, 2014, p. 30).

Apenas no homem se encontra a esperança de um futuro melhor diante das aparentes tristezas que são provocadas, diariamente, no mundo, pelo próprio homem. O futuro do homem se encontra no próprio homem, por isso, ao trazer o existencialismo como uma forma de esperança para os tempos atuais é acreditar no homem e na sua mudança de vida. É fazer com cada um, assumindo a responsabilidade da liberdade, possa agir buscando a cada escolha, o bem da humanidade.

A partir do encontro com o nada do homem, existe a capacidade de se construir. O constante projetar-se é a oportunidade que o homem tem de lançar a esperança. O passado não tem como mudar, mas o agir no presente é o que existencialismo propõe.

Portanto, é possível sair de qualquer predefinição que a sociedade contemporânea tem gerado para o homem. A solução se encontra em cada um que assume, verdadeiramente, e de forma processual, a posição de ser autêntico e muito mais que ser, a necessidade é de agir em vista desta autenticidade, para que o árduo testemunho cativa outros para saírem do cativeiro das falsas verdades.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Sartre: direito e política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentizen. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARANOWSKE, Durval. **A autenticidade na ética de Jean-Paul Sartre**. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15574/1/AutenticidadeEticaJean.pdf> >. Acesso em: 21/out/2019.

ELKAIM-SARTRE, Arlette. Situação da Conferência. In: SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 9-14.

GARCÍA, J. L. Rodríguez. **Sartre: O maravilhoso orgulho de ser livre**. São Paulo: Salvat do Brasil Ltda, 2015.

MENDES, Gabriel Adriano. **Liberdade e Autenticidade na filosofia de Sartre e sua implicação no mundo contemporâneo**. 2018. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Curso livre de filosofia) – Instituto Filosófico São José, Campanha, 2018.

NASCIMENTO, Siloe Cristina do. **A nadificação como conduta concreta humana em Sartre**. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/41-Siloe-Cristina-do-Nascimento-A-NADIFICA%C3%87%C3%83O-COMO-CONDUTA-CONCRETA-HUMANA-EM-SARTRE.pdf> >. Acesso em: 21/out./ 2019.

O LIVRO da Filosofia. Tradução Douglas Kim. 2. ed. São Paulo: Globo, 2016.

O LIVRO da Sociologia. Tradução Rafael Longo. 2. ed. São Paulo: Globo, 2016

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia: religiões e valores**. São Paulo: Paulus, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Trad. de Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a questão judaica**. São Paulo: Européia do Livro, 1963.

\_\_\_\_\_. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.